

# ASPECTOS DA ESCRITA NA FORMAÇÃO DO PESQUISADOR A PARTIR DA DÉCADA DE 1970

Thayse Santos Arimatéia (UFRN/ DLET/ GETED/ REUNI)  
thayse.arimatéia@gmail.com

Profª Drª Sulemi Fabiano Campos (UFRN/ PPgEL/ DLET/ GETED/ GEPPEP)  
sulemifabiaano@yahoo.com.br

## Apresentação

Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar como um pesquisador em formação dá a ver, em sua escrita, os diferentes modos de lidar com os conceitos da área na qual pretende se inserir e observar se há apropriação dos conceitos por parte do pesquisador ao recorrer aos conceitos para fundamentar o trabalho de pesquisa. Além disso, verificar se na amostragem analisada há indícios de mudança subjetiva na forma como o pesquisador se refere ao conceito de variação e mudança linguística.

O *corpus* investigado foi constituído por teses e dissertações defendidas na área de Sociolinguística a partir de 1970. Da década de 1970 a 1990 foram coletadas na biblioteca da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. A parcela do *corpus* que corresponde aos anos 2000 foi selecionada do Portal Domínio Público – CAPES. Os conceitos que serão percorridos: variação e mudança linguística. Nosso recorte metodológico será selecionar um ou dois volumes de uma pesquisa por década. Para essa pesquisa foram analisados uma tese de doutorado, do ano de 1972 e uma dissertação de mestrado de 2010.

Nossa hipótese é a de que, ao confrontar textos produzidos por diferentes sujeitos em diferentes épocas podemos observar a alteração da relação que o pesquisador estabelece com a escrita, indiciando uma mudança subjetiva em relação ao conceito mobilizado. O trabalho se fundamenta na Análise do Discurso o que nos “permite dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído”. Orlandi (1996, p. 77). Tendo como ferramenta de trabalho o texto visto como materialidade da linguagem pondo em jogo um desafio subjetivo essencial, a maneira singular que cada sujeito tem de se colocar através do seu dizer.

Os pressupostos teóricos para as discussões são os da paráfrase de Fuchs (1985); heterogeneidade mostrada e constitutiva de Authier-Revuz (2004); trabalho de escrita de Riolfi (2003), com o intuito de analisar como um pesquisador em formação se apropria de determinados conceitos, se há alteração na forma de recorrer a um mesmo conceito e como essa escrita que é trabalho passa a ser uma questão de honra.

## 1 Fundamentação teórica

### 1.1 Heterogeneidade mostrada e constitutiva

Sabemos que para escrever é preciso que tenhamos certo arcabouço teórico, mas como encontrar a justa medida entre as nossas palavras e as palavras do “outro”? O que encontramos, frequentemente, em textos acadêmicos é uma escrita que não ultrapassa os limites do “outro”, uma escrita calcada principalmente na repetição de dizeres já consagrados numa dada comunidade científica.

A heterogeneidade mostrada marcada acontecerá por meio das citações diretas e indiretas designando o outro no ato da enunciação. O outro é, portanto, marcado de forma explícita no enunciado. Segundo Authier-Revuz (2004), os mecanismos que são utilizados para demarcar essa heterogeneidade seriam o uso de aspas para deixar marcada a fala de um “mestre”; o recuo das citações diretas; os conectivos; a parafraseagem; as glosas; entre outros. Dentro dessa heterogeneidade tem-se, também, a mostrada não-marcada que remete a outros discursos de forma implícita, é um efeito de sentido de um dito que se articula a um não dito.

Uma escrita constitutiva, a partir dos pressupostos de Authier-Revuz (2004) estabelece-se a partir de dois pontos de vista, o dialogismo do círculo de Bakhtin e o ponto de vista da psicanálise. Na perspectiva do dialogismo do círculo de Bakhtin, o discurso será circunscrito e constitutivo pelas “palavras do outro”. Já no ponto de vista da psicanálise na interpretação lacaniana de Freud, todo discurso será constitutivamente atravessado pelo “discurso do Outro”.

Todo discurso é atravessado constitutivamente por “outros discursos” (dialogismo) e pelo “discurso do Outro” (psicanálise/inconsciente). Diferente das formas de heterogeneidade mostrada, o outro nesse conceito, deixa de ser um objeto (exterior daquele que fala) e passa a ser uma condição para o discurso de um falante que não é fonte primeira de dado enunciado. Nos discursos ditos científicos as formas de heterogeneidade mostrada deveriam desaparecer para dar lugar à escrita constitutiva do indivíduo. Quando a heterogeneidade é colocada como condição de existência do dizer no plano constitutivo será necessário reconhecer que:

Não há dizer que não seja atravessado, e constituído, pelo discurso outro já-dito, de um lado, daquele a quem nos dirigimos, por outro lado – e, no plano representado, como objeto possível de uma representação reflexiva em pontos do dizer – os dizeres podem (se) dar a reconhecer os encontros que eles fazem com os dizeres outros, no caminho, próprio deles, de sua progressão. (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 10)

Assim, a heterogeneidade constitutiva representa para nós uma ordem distinta da heterogeneidade mostrada, uma vez que na constitutiva podemos dizer que temos um processo de constituição de um discurso e a mostrada é um processo de representação na constituição de dado discurso. Temos, então, um sujeito que desaparece para deixar lugar a um discurso que, “liberado do outro ou invadido por ele, de qualquer maneira, não lhe dá “um lugar”.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.78). Ou seja, a heterogeneidade constitutiva será uma mistura de vozes que não são recobradas conscientemente pelo autor e assim ele forma o seu discurso, um “novo” enunciado.

## **1.2 Trabalhando a escrita**

Nossa discussão toma como proposta a ideia defendida por Riolfi (2003, p.50) de que “escrita é trabalho”, sendo assim, o pesquisador deve estar implicado em sua própria escrita e procurar a partir dela responder perguntas.

Quando alguém se torna pesquisa-dor, cada tema de pesquisa que escolhe consiste em uma maneira sublimada de poder abordar o absurdo e obscuro objeto que lhe faz falta e, sem que ele saiba, dirige e modela sua existência. Quando alguém se torna pesquisa-dor, a escrita pode se prestar a uma operação de transformação subjetiva cuja resultante é a construção de um estilo singular, um saber fazer que se “aprende” ao longo da experiência sem que absolutamente nada ou ninguém tenha ensinado. (RIOLFI, 2011, p. 14)

O processo de escrita pode vir a fazer com que o próprio pesquisador altere a relação com sua palavra, sua história, sua vida. Escrever é trabalhar com a linguagem de diferentes formas, e até mesmo se surpreender com o próprio escrito, após ter passado pelo “inferno” de escrever. “Chegar a construir um estilo singular passa, justamente, pela tentativa de dizer justamente o que se pode dizer de si próprio”. Riolfi (2003, p. 47). Ou seja, aquilo que nos é único, que por nos ser próprios não é transferível para outrem.

Um aluno/pesquisador deve aprender a escrever suas próprias palavras e não apenas servir de reprodutor de outras escrituras. Fazer com que a escrita trabalhe, para Riolfi (2003) não se resume a

encontrar boas ideias, nem a planejar recursos expressivos para bem expressá-las, nem encontrar modos de realizar uma interação eficaz com o outro por meio do texto, mas, ao ter podido ler o que não sabia que ia escrever, dar a ver de forma ficcionalizada, a sequência na qual diversos fragmentos (textos lidos, experiências vividas, rumores e falas escutadas) compareceram para formar as ideias que compõem a ficção textual. (p. 50)

Um pesquisador consegue através de sua vivência por em prática o seu processo de escrita, o que faz com ele acabe se deslocando de um lugar primeiro e se surpreenda com o que produziu. Ou ele simplesmente aceita os preceitos do seu mestre?

Admitimos aqui que o pesquisador deve encontrar a justa medida, que seria um equilíbrio entre o que antes foi dito por seus “mestres” e uma escrita singular, aquilo que nem é demais nem é pouco, que está longe de cada um dos extremos e que é único. Podemos observar dois tipos de escrita que foram caracterizadas por Grigoletto (2011, p. 101), que são:

- 1) uma escrita que procura atender ao que o “mestre” supostamente quer, que eu denomino escrita “burocrática”. É a escrita que segue modelos (do orientador, da instituição) irrefletidamente, em que se procura tão somente comprovar as teorias, de modo que só se consegue reproduzi-las;
- 2) uma escrita que se pauta pela implicação com o saber (sem desprezar as expectativas de seu entorno), que qualifico como escrita “mobilizadora”. É mobilizadora porque reconhece a falta e a impossibilidade de tudo dizer; assim, inevitavelmente deixa buracos, mas ousa; não reproduz, mas produz novas configurações de sentido.

A escrita burocrática será, portanto, aquela que tomará o mestre (o outro) como verdade absoluta e o Outro como externo de si mesmo. É dita como burocrática por aparentar que o objetivo seja apenas o de cumprir uma tarefa pré-estabelecida com pouca implicação subjetiva. Já a mobilizadora revela um autor que está implicado ao saber, que dá a ver seu ponto de vista, que nos mostra um processo de escrita singular. Respectivamente, a primeira estará mais relacionada ou presente nos escritos de iniciantes e a outra aparecerá nas teses e dissertações, por exemplo, quando os pesquisadores já estariam mais “libertos” desse processo burocrático.

## **2 O *Corpus* investigado**

O *corpus* analisado é composto por dois processos de escrita uma tese de doutorado (1978) e uma dissertação de mestrado (2010). Ambas abordam o movimento ou crescimento

da sociolinguística no Brasil. Percorreremos em nossa análise o conceito de sociolinguística de William Labov.

A fim de compreender o percurso feito pela sociolinguística para que pudesse analisar os dados utilizei o livro manual de linguística de Martelotta (2010), mais precisamente o texto de Maria Maura Cezario e Sebastião Votre, que tem como título o próprio nome da corrente linguística estudada pelos autores.

A sociolinguística é uma área que procura analisar o quanto determinado fenômeno pode ser estável na língua. A variação passa a ser vista não como algo que ocorre por acaso, mas como um fenômeno linguístico e extralinguístico. A sociolinguística veio a se firmar em 1960, nos Estados Unidos com a liderança de William Labov, por isso a escolha de mapear como os autores escolhidos retomam esse autor e como o escrito daquele que faz a pesquisa nos “primórdios” da sociolinguística se difere daquele que pode analisar todo o percurso dessa área.

Darei o nome de A1 (autor 1) e A2 (autor 2), somente a título de sistematização da pesquisa. O A1 será o pesquisador de 2010 e A2 o de 1978. Ambos os textos propõem a fazer um percurso através do desenvolvimento da sociolinguística.

O texto do A1 é marcado por movimentos que demarcam o seu lugar de enunciação, demonstrando um grau de envolvimento com o seu escrito. O trabalho é separado em diversas sessões, desde o relato de vida até o processo final. Observaremos, agora, trechos do texto do A1:

<b>Trechos do escrito de A1</b>	
<sup>1</sup> Ainda nos anos de 1960 a sociolinguística ganha força com a publicação dos trabalhos de <u>William Labov</u> . Ele diz que a Sociolinguística é a Linguística, uma vez que não haveria outra forma de considerá-la, “Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, a que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008: 13).	p. 77
<sup>2</sup> A sociolinguística, então, <u>cumpriu</u> o papel de alertar para a diferença dos falares na escola e para a necessidade de uma nova orientação no ensino, tal qual Labov alertou sobre o vernáculo “negro-americano”. <i>Grifos meus.</i>	p. 82

Como podemos observar o pesquisador A1(p.77) faz remissão explícita ao dito de Labov (Linha 3), podemos dizer que de acordo com Authier-Revuz (1992) esta seria uma não-coincidência do discurso consigo mesmo que é colocada como constitutiva. O A1 assinala entre as suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como sendo de outro discurso. “Um discurso esboça em si um traçado – assinalando uma interdiscursividade representada” – de uma fronteira interior/exterior.” Authier-Revuz (2002, p. 23). Cada discurso apresenta uma forma distintas de realização e negociação com o outro, denunciando o tipo de imagem que eles têm de si mesmos e desse jogo de não-coincidências que são próprios de cada sujeito.

Outra forma de se observar o processo subjetivo desse pesquisador poderia ser visto através do uso de determinados verbos que o colocariam como responsável do seu dizer, como quando ele após fazer todo um apanhado da história da sociolinguística faz o uso do verbo cumprir na página 82 (como pode ser observado no trecho, linha 1<sup>2</sup>), “A sociolinguística, então *cumpriu* o papel...”, uma vez que o verbo dá a ideia de satisfazer, deixa demarcado a posição do A1 em relação ao que estava sendo dito. Como, também, o “resta a

nós” utilizado na p. 154, que faz com a gente possa observar essa relação de quem escreve com o que escreveu e o seu posicionamento frente ao problema, se incluindo na questão.

Além disso, as várias marcas de conotação autonímica que seriam heterogeneidades resultantes da construção de níveis distintos no interior de seu próprio discurso. Aqui destacamos as palavras entre aspas que são formas de ocorrência sem interrupção sintática e são recorrentes no texto. Este tipo de conotação pode indicar uma diferenciação, uma proteção, uma ênfase, como é o caso das palavras: “carregam” (p.140), “vive” (p. 141), “recomendando” (p.155), onde estão relacionadas ao conjunto da enunciação e, além disso, à formação discursiva na qual o autor se inscreve. Entendendo que o sujeito é ultrapassado pela ideologia que o constitui, ou seja, todo sujeito fala a partir de uma formação discursiva e, assim, marca a posição que possibilita ao sujeito concretizar o seu discurso; marcando aquilo que é exterior e anterior e assim determinante do próprio discurso.

Podemos dizer que essa é uma escrita mobilizadora, pois é uma escrita trabalhada, uma escrita que não mata o pai e sim se relaciona com ele. E como nos fala Grigoletto (2011, p. 104) parte da mobilização frente ao saber, ao mesmo tempo em que empreende um movimento de separação desse saber, que permitirá a inscrição subjetiva no texto e a responsabilização do autor por ele.

1A produção discursiva acerca da variação linguística procura, em tese, 2garantir a estabilidade dos espaços sociais (incluindo os Institucionais) 3“recomendando” a fala ao contexto (ou à situação). Garantir-se-ia, assim, cada 4fala em seu suposto lugar, adequando para manter a ordem. 5O necessário seria o empoderamento das demais variedades, para que estas 6pudessem participar efetivamente da produção sócio cultural, da vida política 7e das decisões nos espaços formais e institucionais e, não apenas, frequentar 8os bancos da escola ou se 8calar nos bancos de praça.	p. 155
---	-----------

Neste último excerto observamos o término do escrito de A1, demonstrando um problema e ao mesmo tempo uma “solução” ou uma inquietação que é necessária àquele que escreve. Notamos que o autor mantém um posicionamento uma vez que ele ao “aspear” o “recomendando” (Linha 2) fica suposto que ele não concorda com o mesmo, e em seguida “dita” o que realmente seria necessário (Linha 5) se fazer em relação à variação linguística.

Por se tratar de um pesquisador da década de 70, o A2 é citado no texto do AI, 32 anos depois, pois o AI realiza em sua dissertação uma construção de campos associativos e faz um levantamento das escolhas lexicais em dois textos, vinculando determinados termos à Língua Padrão e à Não-Padrão. Então, ele seleciona um livro do A2 por entender que ele procura tratar a variação de forma técnica, propondo e defendendo os modelos.

O que podemos observar na escrita do A2 é que apesar de ser um dos principais aplicadores do método laboviano, em seu texto ele não utiliza nenhuma citação de Labov. Se preocupando apenas em demonstrar como se deu o processo da sociolinguística variacionista, citando apenas o seu nome, como pode ser observado no dado, mas não o seu trabalho. Por mais que se defenda a ideia de não sermos meros repetidores, se faz necessário uma filiação teórica. É como se o pesquisador acreditasse “que determinado sujeito nem existisse dentro do seu texto, apenas para dar conta de um fetiche e das psicoses.” (LAPLANCHE E PONTALIS apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 72).

<b>Trechos do texto de A2</b>	
<sup>1</sup> Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode <sup>2</sup> ligar-se à sociologia, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em <sup>3</sup> especial o da sociolinguística.	p.13
<sup>2</sup> Modernamente, estudiosos como William Bright, Dell Hymes, Raven I. Mc <sup>2</sup> David Jr, <i>William Labov</i> , entre outros, têm conduzido a sociolinguística aos <sup>3</sup> mais diversos caminhos, no estudo do que os especialistas americanos <sup>4</sup> costumam chamar de <sup>4</sup> dialeto social, isto é, “uma habitual sub-variedade da fala <sup>5</sup> de uma dada comunidade, <sup>5</sup> restrita por operações de forças sociais, a <sup>6</sup> representantes de um grupo étnico, <sup>6</sup> religioso, econômico ou educacional <sup>7</sup> específico.” Mc David, Raven I (1966, P. 73)	p.14 -15

O texto do A2 gira em torno da sociolinguística para depois se voltar para uma aplicação, ao analisar diversas obras literárias. Porém é uma escrita mais de comprovação, aparentemente buscase mostrar apenas que isso é possível e não ampliar efetivamente seja o campo da sociolinguística seja algum outro processo. É como se esse texto fosse resultante de determinada pesquisa que tem seu arcabouço teórico, mas essas teorias são unidas aos dados de uma forma que só serve para corroborar com aquela teoria. Como pode ser observado no seguinte excerto na finalização do texto:

<sup>1</sup> Nos escritos examinados, encontramos elementos para <u>constatação</u> do <sup>2</sup> fenômeno da diversidade linguística, tais como: amostras da oposição norma <sup>3</sup> culta/regional; variantes de vocabulário, determinadas pelas diversas faixas de <sup>4</sup> locutores... Grifos meus.	p.220
--	-------

O próprio autor utiliza a palavra “constatação” no excerto acima, o que pode demonstrar a ideia de que a pesquisa não é efetivamente feita para romper ou contrastar com algo antes já feito. É como se a análise feita a partir dos textos literários servissem apenas para demonstrar o qual a teoria sociolinguística é eficaz. “Procede-se não mobilizando a teoria para responder aos desafios encontrados na análise, no percurso da pesquisa, mas sim, destacando a análise como mais um exemplo a confirmar a teoria.” Grigoletto (2011, p. 98). Teríamos, então, de certa forma uma escrita burocrática que segue um modelo ditado pela instituição ou por outras pessoas, que é perpassada por sessões engessadas em um modelo pré-estabelecido pelo visto há muito tempo.

### 3 Conclusão

Como observado cada sujeito vai se relacionar com o seu escrito de uma forma diferente, o pesquisador deve se implicar e se responsabilizar pelo que escreveu demonstrando e marcando a sua singularidade, que fará referência ao seu percurso e a sua história de vida.

Em trabalhos acadêmicos é possível observar os dois tipos de escrita que foram demonstrados aqui. A escrita que engessa cuja sua relação com o saber é relacionada às leituras consagradas e que “tomam o texto como documentos inertes que fazem falar um saber já pronto e cristalizado”. E as escritas mobilizadoras, que procuram “transformar os documentos em monumentos, relacionando-os com outros textos, engendrando novas configurações e interpretações e organizando novos conjuntos.” Grigoletto (2011, p. 95)

Barzotto em seu texto “lições das fúrias: delitos e castigos inevitáveis” nos diz que “o ato da criação, para trazer a luz o novo, precisa negar, destruir, subverter, pelo menos em parte, o que foi produzido antes. [...] Estar em formação é estar em danação. Tentativas de evitar vingança das Fúrias fracassam porque não se tem controle sobre todos os fios da escrita (e da vida). Assim, assumir os riscos é condição para haver escrita.” (2011, p. 33-46). Se ao invés de uma escrita que rompa com algo que já passou tivermos apenas uma reprodução ou senso comum, não teremos o trabalho de escrita, mas sim uma escrita de reprodução, uma escrita burocrática e que só segue o modelo já feito por todos.

Todo texto será constitutivo e conseqüentemente atravessado por diversas vozes que são recorrentes da formação daquele que escreve, mas caberá ao pesquisador torná-lo singular, único.

### Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldí. Campinas: Editora da UNICAMP, n. 19 jul. /dez. 1990, (p. 25-42).

-----, **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo: um estudo enunciativo do sentido / Jaqueline Authier-Revuz; apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.(p.11-80)

-----, **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer / Jaqueline Authier Revuz; síntese na ocasião da defesa “Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique” (em maio de 1992, na Universidade de Paris VIII)

-----, Alteridade, dialogismo e polifonia. Dizer o outro no já-dito: interferências de alteridades – intelocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 6-20, jan./mar.2011.

BARZOTTO, V.H. Lições das fúrias: delitos e castigos inevitáveis. In: RIOLFI, C.; BARZOTTO, V.H. (orgs.) **O inferno da escrita**: produção escrita e psicanálise. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, p. 33-46.

GRIGOLETTO, M. Lições do Modelo: a escrita que engessa e a que mobiliza. In: RIOLFI, C.; BARZOTTO, V.H. (orgs.) **O inferno da escrita**: produção escrita e psicanálise. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, p. 91- 105.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942 – **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico** / Eni Puccinelli Orlandi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RIOLFI, C.R. (2003). “**Ensinar a escrever**: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. “Leitura. Teoria e Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil. Campinas, vol. 40, jan/jul, pp. 47-51.

-----, Lições da coragem: o inferno da escrita. : RIOLFI, C.; BARZOTTO, V.H. (orgs.) **O inferno da escrita**: produção escrita e psicanálise. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, p. 11-31.